Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Arquivos, memórias e fabulação crítica na construção do vídeo-obituário de Ester Vogue[1]

Archives, Memory, and Critical Fabulation in the Construction of Ester Vogue's Video Obituary

Jônatas Pereira do Nascimento Rosa
Zulmira Nobrega Piva de Carvalho

Palavras-chave: Obituários; Arquivos; Memória.

Franco Moretti (2001, p. 104), em texto sobre a editoria de obituários do *The New York Times*, afirma que admira a intenção que anima esse gênero jornalístico: a de lembrar. Geralmente, o que é lembrado na editoria de obituários são acontecimentos notáveis, excepcionais. “Aquilo que os seres humanos fizeram — e que ninguém havia feito antes” (Moretti, 2001, p. 104), tornando esse gênero um dispositivo de memória pública (Zelizer, 2010) que atua no reconhecimento simbólico de determinadas trajetórias, enquanto outras vidas são esquecidas nas cenas ressignificadas pelos meios de comunicação (Barbosa, 2004).

Os obituários alcançaram uma posição de destaque a partir do início do século XIX, com o jornalismo diário inglês (Engster, 2014). Mas seu desenvolvimento está associado ao *The New York Times* no século XX. Em 1920, o jornal passou a ter um editor de obituários e, anos depois, uma seção fixa onde eles apareciam todos os dias (Engster, 2014). *O NYTIMES* transformou o obituário de um registro meramente informativo em

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

uma narrativa com valor literário e histórico, apoiando-se em um processo de pesquisa denso, com o foco em narrar a trajetória de celebridades.

Semmler e Daros (2018) afirmam que, apesar do obituário brasileiro ter sido objeto de discussões que esboçam algumas proposições iniciais, o gênero ainda não é compreendido como enunciado autônomo, com características próprias e função social determinada. Em seu estudo sobre a construção discursiva do gênero no jornal Folha de São Paulo, os autores explicam que "o obituário brasileiro se distingue de gêneros do discurso como perfil e biografia, textos comuns do jornalismo literário, por ainda trazer as informações e causa mortis das notas de falecimento" (Semmler e Daros, 2018, p. 3014). Além disso, demonstram que o obituário "não se constrói em uma narrativa tão elaborada quanto a das biografias e dos perfis, estabelecendo-se no Brasil como um gênero que visa à celebração da vida do sujeito que está sendo retratado, utilizando com parcimônia os recursos da literatura" (Semmler e Daros, 2018, p. 3014).

O obituário norte-americano diferencia-se nesse sentido, pois é influenciado pela corrente jornalística chamada *New Journalism* (Semmler e Daros, 2018), de modo que o biografismo é mais acentuado, com a utilização de recursos estilísticos da literatura, texto longo em estilo de perfil, construindo um arco narrativo que aborda a origem do personagem, os conflitos enfrentados e o legado cultural que deixa para a sociedade. Rosa (2025) aponta que o *NYTIMES* rememora seus obituariados através dos feitos sociais que fazem uma vida se destacar ou a tornam singular. "A morte é organizada em uma narrativa que busca acentuar o mito do heroísmo" (Rosa, 2025, p. 14).

Para Rosa (2025, p. 8), o obituário funciona "como um ritual midiático que tenta oferecer um lugar público para o morto ao mesmo tempo em que tenta controlar a morte simbolicamente na maneira como organiza a narrativa, seja com aquilo que seleciona e exclui ou mitifica no discurso (Barthes, 2009)". Dessa forma, o gênero obituário aponta sintomas referentes ao campo do jornalismo que atua na ritualização midiática da morte

e sintomas do Outro, expondo a necessidade por narrativas de vida e morte que representem vidas marginalizadas (Rosa, 2025).

O obituário, enquanto sintomas do Outro, está interligado ao fenômeno da midiatização que provocou a descentralização da mediação jornalística (Han, 2018) e a abolição da propriedade das formas (Silva, 2022) permitindo uma abertura para discursos contra-hegemônicos e outros enquadramentos da narração da morte. Nesse contexto, nota-se a proliferação de arquivos digitais que buscam testemunhar dimensões do trauma, arquivar experiências de vida e morte de pessoas comuns, de personagens invisibilizados pelos meios hegemônicos de comunicação como o memorial Vagalumes e o Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA). Esses arquivos do tempo presente são construídos por uma rede de colaboradores que, enquanto experimentam acontecimentos históricos, em muitos casos traumáticos e disruptivos como o 11 de setembro de 2001, elaboram uma memória sendo gestada ao vivo (Marino et al., 2020, p. 94). Desse modo, permitindo a compreensão de registros históricos sobre acontecimentos sociais como a pandemia e o uso do testemunho pelas narrativas jornalísticas que tratam sobre as mortes de indivíduos comuns ou personagens célebres que possibilitam iluminar a vida do tempo presente.

Assim, percebe-se uma evolução do obituário tradicional para obituário digital, que se torna um gênero híbrido, memorial, interativo e, muitas vezes, colaborativo, unindo texto, fotos, vídeos, links, depoimentos e arquivos pessoais a partir do diálogo com saberes e demandas por representação de grupos marginalizados pela mídia hegemônica (Rosa, 2025). De modo que, a consolidação dos obituários digitais como forma narrativa no jornalismo amplia os modos de representação da morte.

Em contextos contemporâneos marcados pela circulação acelerada de informações e pela expansão de ecossistemas digitais, o jornalismo enfrenta também o desafio da desinformação e da disputa por regimes de verdade (Silva, 2022). Nesse cenário, narrativas jornalísticas que registram trajetórias individuais — como os

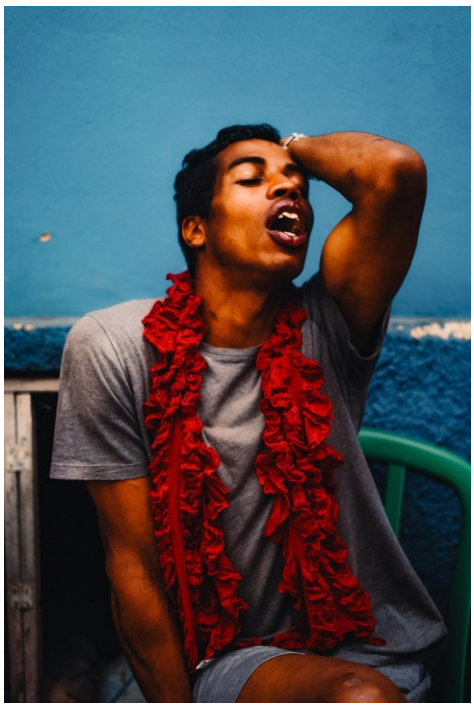
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

obituários — tornam-se não apenas formas de memorialização, mas também dispositivos de produção de conhecimento público. Ao narrar vidas e registrar experiências socialmente invisibilizadas, os obituários podem funcionar como práticas de verificação histórica e reconhecimento simbólico, contrapondo-se a processos de apagamento ou distorção da memória coletiva.

Essa dimensão ganha especial relevância quando consideramos populações historicamente marginalizadas na América Latina, como povos indígenas e pessoas trans e travestis, cujas trajetórias frequentemente aparecem no noticiário apenas sob a forma de estatística, violência ou morte sem historicização. A ausência dessas vidas na memória jornalística constitui uma forma de apagamento simbólico que também se manifesta nos arquivos históricos, onde, segundo Saidiya Hartman (2020), essas populações costumam aparecer apenas por meio de vestígios fragmentados ou distorcidos, produzidos pelas próprias estruturas de poder responsáveis por sua documentação. Para enfrentar esse problema, Hartman (2020) propõe o conceito de fabulação crítica, uma estratégia narrativa que articula pesquisa arquivística e interpretação imaginativa para reconstruir histórias silenciadas e ampliar as possibilidades de reconhecimento público dessas existências.

Assim, este estudo se debruça sobre a construção do obituário experimental "Vídeo-obituário para Ester Vogue: Imagens que continuam dançando mesmo depois do fim", a partir do questionamento: o obituário digital pode fabular criticamente uma narrativa que ofereça dignidade a corpos abjetos?

Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)



Fotografia: “Ester dançando Vogue” por João Bertholini (2019)

De acordo com Leandro Colling (2012), “os abjetos são pessoas que não gozam do estatuto de humanos e, por isso, podem ser violentadas” (Colling, 2012, p. 125). O obituário em questão busca imaginar a trajetória de Ester Vogue, travesti negra que vivia em situação de rua e morreu no dia 10 de novembro de 2020, um dia antes de completar 34 anos, após ser queimada viva no Centro de São Bernardo do Campo em São Paulo. Ao pesquisar o nome de Ester no *Google Search,* aparecem notícias informando sobre a causa da morte e uma foto sua dançando vogue. No entanto, quase não há registros sobre sua história, há quantos anos ela enfrentava a falta de abrigamento, seus desejos, seus sonhos. Dessa forma, como parte dos objetivos da pesquisa de mestrado em andamento e da reflexão teórico-metodológica realizada sobre o gênero obituário e seus desdobramentos no ambiente digital, propomos uma prática experimental de obituário digital no formato de vídeo.

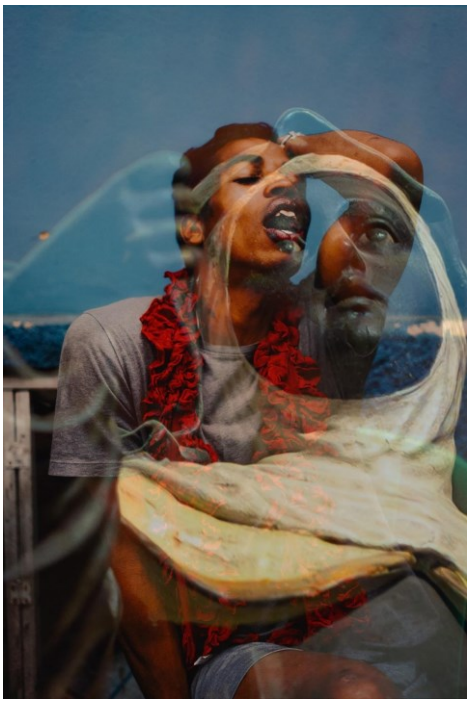
A produção do vídeo-obituário foi desenvolvida como uma prática experimental de pesquisa-criação, articulando pesquisa documental, entrevistas, escrita ensaística, fotografia, colagem, performance e montagem audiovisual. O processo partiu do levantamento dos registros disponíveis sobre Ester Vogue e de 12 fotografias realizadas por João Bertholini em 2019, nas quais Ester aparece dançando vogue na Casa Neon Cunha ao som da canção "Vogue" de Madonna. Diante das lacunas documentais sobre sua trajetória, foram realizadas três interlocuções com Neon Cunha: um encontro durante um curso do MUTHA e duas entrevistas por videoconferência, nas quais foram compartilhadas memórias sobre Ester. Também foram realizadas conversas com integrantes da comunidade Ballroom, que contribuíram para a construção do repertório narrativo e visual. A escrita da carta-obituário foi desenvolvida de forma ensaística e processual, sendo reescrita a partir dessas interlocuções. Nesse percurso, a perspectiva de Garza (2024) sobre a escrita como escavação daquilo que não está orientou a construção de uma narrativa aberta às lacunas e aos vestígios do arquivo.

A experimentação audiovisual foi desenvolvida a partir da concepção de colagem de Garza (2024) como procedimento epistemológico capaz de colocar diferentes documentos, discursos e temporalidades em convivência. As fotografias de Ester foram articuladas a imagens de arquivo da cultura Ballroom, cenas de *Paris Is Burning*, registros de Madonna e *Soul Train*, imagens de santos negros e fotografias produzidas pela própria pesquisa sobre a Ballroom na Paraíba. Esses materiais foram submetidos a procedimentos de sobreposição, reutilização, manipulação e montagem, explorando relações não lineares entre imagens e arquivos. A versão atual do vídeo-obituário, conta com 20 minutos e 37 segundos.

Inferimos que quando se trata da memória trans e travesti, "o arquivo, antes de ser memória histórica, é memória da dominação, constante de legados e atestações, de certificados que são provas dos direitos de poder, de posse e de origem familiar" (Assmann, 2011, p. 368). Segundo Neon Cunha (2026), "a quem pertence o corpo

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

travesti? Ao Estado, à família, ao gênero?"[2] (informação verbal). Ester não foi enterrada com o nome que escolheu para si. Para sua família, essa é uma memória privada, que deve ser sufocada. Mas, para nós, é uma memória pública. Por isso, imaginamos Ester sob diversas facetas: como uma personagem de *Paris Is Burning,* uma dançarina de Madonna, uma santa da pista e do gesto, uma criança vendo o brilho da tv. Ester, a performer. Rompemos com a violência documental que a associa a morte violenta e a desumanização. Optamos por uma denúncia celebrativa que lembra Ester, não porque ela morreu, mas porque ela dançou. A partir da tensão com o arquivo como memória da dominação (Assmann, 2011), essa experiência de fabulação foi interpretada por meio de dois conceitos: o arquivo do movimento e o arquivo-sonho.



Sobreposição de Ester com a imagem de Santa Efigênia pelo Autor (2026).

[2] Informação obtida em entrevista concedida por Neon Cunha ao autor, via *Google Meet,* em 05 mar. 2026.

A fabulação crítica (Hartman, 2020) orienta a interpretação das lacunas e vestígios do arquivo, articulando pesquisa e imaginação para acionar histórias silenciadas. A partir dela, o arquivo do movimento e o arquivo-sonho operam como desdobramentos dessa perspectiva no vídeo-obituário: o primeiro, fundamentado no corpo como transmissor de memórias (Martins, 2003), permite compreender a dança de Ester e a cultura Ballroom como formas de inscrição e transmissão de memória; o segundo, articulado ao sonho como forma de acesso ao conhecimento e imaginação de futuros possíveis (Filho e Silva, 2025), permite compreender as imagens produzidas como arquivos que fabulam aquilo que não pode ser recuperado documentalmente. Assim, enquanto a fabulação crítica orienta a reconstrução imaginativa diante das lacunas, o arquivo do movimento e o arquivo-sonho especificam, respectivamente, o corpo em performance e a imaginação audiovisual como modos de produzir e transmitir outras memórias de Ester.

Desse modo, tensionamos a própria ideia de arquivo ao afirmar que certas memórias também podem ser transmitidas por linguagens performáticas e audiovisuais, deslocando a concepção tradicional de obituário, que tende a estabilizar uma vida pela organização de fatos e pelo fechamento de sentidos. Os fragmentos e vestígios encontrados na trajetória de Ester permitiram construir uma narrativa que preserva o movimento como dimensão da memória, fazendo da dança uma forma de permanência que ultrapassa o registro de sua morte. Com isso, inferimos que o obituário digital pode constituir uma prática de resistência e reconhecimento, produzindo narrativas capazes de deslocar corpos abjetos dos enquadramentos associados à violência e à desinformação na sociedade midiatizada.

Referências

ASSMANN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BARBOSA, M. A morte imaginada. In: **Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação/Compós,** 13. São Bernardo do Campo, 2004.

COLLING, L.. Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero? In: PELÚCIO, L.; SOUZA, L. A. F. de; MAGALHÃES, B. R. de; SABATINE, T. T. (org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 109-128.

ENGSTER, A. **A vida dos mortos: construção de personagem nos obituários do The New York Times.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação Social: Jornalismo, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

FILHO, Luiz; SILVA, Marcelo Rodrigo. Indígenas Potiguaras e Net-ativismo no Instagram: entre teorias do jornalismo e práticas comunicacionais digitais. **11º Compolítica,** UNICAP, Recife, 2025.

GARZA, Cristina Rivera. **Os mortos indóceis: Necroescritas e desapropriação.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2024.

HAN, B. **Sociedade da Transparência.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HARTMAN, S. Vênus em dois atos. **Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 2-33, 2020. DOI: https://encurtador.com.br/fHGo. Disponível em: https://encr.pw/CNXRQ. Acesso em: 26 jun. 2023.

MARINO, I. K.; NICODEMO, T. L.; SILVEIRA, P. T. Arquivo, memória e Big Data: uma proposta a partir da Covid-19. **Cadernos do Tempo Presente/UFS**, v. 11, p. 90-103, 2020.

MARTINS, L. Performances da oralitura: Corpo, lugar da memória. **Letras nº 26, Língua e Literatura: Limites e Fronteiras,** 2003.

MAROCCO, B. Fragmentos de vidas exemplares. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 372-389, maio/agosto 2013.

MORETTI, F. ‘New York Times’ Obituaries. **New Left Review**, London, 2 mar/apr 2000. Disponível em: https://encurtador.com.br/xbtB. Acesso em: 12 fev. 2026.

ROSA, J. P. N. A morte como um ritual midiático: reflexões para uma sintomatologia do gênero obituário. **23º SBPJOR – Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo,** Ponta Grossa, nov. 2025.

SEMMLER, J. H.; DAROS, S. C. P. A construção discursiva do obituário brasileiro no jornal Folha de São Paulo. **Forum Lingüístic.,** Florianópolis, v. 15, n.2, p. 3001-30016, abr./jul. 2018.

SILVA, M. P. A forma como trama no horizonte da desinformação: Pressupostos e hipóteses sobre a disseminação de informações não-jornalísticas de expressão noticiosa. (2022). **Razón Y Palabra.**, 26(114). https://doi.org/10.26807/rp.v26i114.1924

ZELIZER, Barbie. **About to Die: How News Images Move the Public.** Oxford: Oxford University Press, 2010.